

encontram dificuldades para se expressar nessa forma que não lhes dá liberdade e as inibe.

Tudo que há de essencial na percepção avaliativa do enunciado alheio, tudo que pode ter alguma significação ideológica se expressa no material do discurso interior. O enunciado alheio é percebido não por um ser mudo, que não sabe falar, mas por um ser humano repleto de palavras interiores. Todas as suas vivências — o assim chamado fundo de percepção — são dadas na linguagem do seu discurso interior e é apenas assim que elas entram em contato com o discurso exterior percebido. Uma palavra entra em contato com outra palavra. É no contexto desse discurso interior que ocorre a percepção do enunciado alheio, a sua compreensão e avaliação, isto é, a orientação ativa do falante. Essa percepção ativa e intradiscursiva se dá em duas direções: em um primeiro momento, o enunciado alheio é emoldurado pelo *contexto real e comentador* (que, em parte, coincide com aquilo que é chamado de fundo de percepção da palavra), pela situação (interna e externa), pela expressão visível e assim por diante; e em um segundo momento, *prepara-se uma réplica* (*Gegenrede*). Tanto a preparação da réplica, isto é, a *réplica interior*,⁷ quanto o *comentário real* se fundem naturalmente na unidade da percepção ativa e podem ser isoladas apenas do ponto de vista abstrato. Ambas as tendências de percepção encontram a sua expressão, são objetivadas no contexto “autoral” que circunda o discurso alheio. Independentemente dos objetivos desse contexto, seja ele um conto literário, um artigo polêmico, o discurso de defesa do advogado etc., percebemos claramente nele ambas as tendências: o *comentário real* e a *réplica*; sendo que uma delas costuma predominar. Entre o discurso alheio e o contexto da sua transmissão

existem relações complexas, tensas e dinâmicas, sem as quais é impossível compreender a forma de transmissão do discurso alheio.

O principal erro dos estudiosos anteriores foi isolar, quase por completo, as formas de transmissão do discurso alheio de seu contexto de transmissão. Conseqüentemente, essas formas são definidas de modo estático e imóvel (no geral, essa imobilidade é típica de todo estudo científico da sintaxe). Entretanto, o verdadeiro objeto de estudo deve ser justamente a inter-relação dinâmica entre essas duas grandezas: o discurso transmitido (“alheio”) e o discurso transmissor (“autoral”). Pois, na realidade, eles existem, vivem e se formam somente nessa inter-relação e não isoladamente, cada um por si. O discurso alheio e o contexto transmissor são apenas termos de uma inter-relação dinâmica. Essa dinâmica, por sua vez, reflete a orientação social mútua entre as pessoas na sua comunicação verboideológica (é claro, dentro das tendências essenciais e estáveis dessa comunicação).

Que rumos pode seguir o desenvolvimento da dinâmica das inter-relações entre o discurso autoral e o alheio?

Podemos observar duas tendências principais dessa dinâmica.

Em primeiro lugar, a principal tendência de reação ativa ao discurso alheio pode preservar a sua alteridade e a sua autenticidade. A língua pode tentar criar limites claros e estáveis para o discurso alheio. Nesse caso, ao protegê-los da penetração das entonações autorais, os modelos e as suas modificações seguem uma estratificação mais rígida e clara do discurso alheio, tendendo à sua síntese e ao desenvolvimento de suas particularidades linguísticas individuais.

Essa é a primeira tendência. Nela, é necessário distinguir rigorosamente os níveis de diferenciação da percepção social do discurso alheio em um grupo linguístico; se são percebidas separadamente a expressão, as especificidades estilísticas do discurso, as características lexicológicas etc. e que pe-

⁷ Termo emprestado de Jakubínski, conferir artigo citado, p. 136.

so social elas têm. Ou então, o discurso alheio é compreendido apenas como um ato social íntegro, como uma posição semântica indivisível do falante, ou seja, percebe-se apenas o *o que* do discurso, enquanto o seu *como* fica fora dos limites da percepção. Esse tipo semântico-objetual e despersonalizante, no sentido linguístico, de percepção e de transmissão do discurso alheio predomina na língua francesa antiga e medieval (nessa última, observa-se um desenvolvimento significativo das modificações despersonalizantes do discurso indireto).⁸ O mesmo tipo pode ser encontrado nos monumentos da literatura russa antiga, porém o modelo de discurso indireto está quase completamente ausente. O tipo que predomina aqui é o discurso direto despersonalizado (no sentido linguístico).⁹

Dentro da primeira tendência é necessário distinguir também o grau de percepção autoritária da palavra, o grau de sua confiança ideológica e dogmatismo. À medida que o dogmatismo da palavra aumenta e a percepção compreensiva e avaliativa deixa de admitir matizes entre a verdade e a mentira, entre o bem e o mal, as formas de transmissão do

⁸ Vejamos a seguir algumas particularidades do francês antigo. Sobre a transmissão do discurso alheio no francês médio, conferir Gertraud Lerch, "Die uneigentliche direkte Rede" ["O discurso indireto livre"] em *Festschrift für Karl Vossler [Escritos em homenagem a Karl Vossler]* (1922), p. 112 e seguintes, e também Karl Vossler, *Frankreichs Kultur im Spiegel seiner Sprachentwicklung [A cultura francesa refletida em seu desenvolvimento linguístico]* (1913).

⁹ Por exemplo, em *Slovo o polku Iгореve* [*Canto da campanha de Igor*] não há nenhum caso de discurso indireto, apesar da presença abundante do "discurso alheio". Ele é muito raro em crônicas. O discurso alheio sempre é introduzido como uma massa compacta, impenetrável e muito pouco ou completamente não individualizada.

[O *Canto da campanha de Igor* é uma das mais importantes obras da literatura russa antiga, anônima e escrita em eslavão antigo no final do século XII. (N. da T.)]

discurso alheio se despersonalizam. Pois, quando há uma polarização bruta e extrema entre as avaliações sociais, não há lugar para um tratamento positivo e atento a todos os aspectos individualizantes do enunciado alheio. Esse dogmatismo autoritário é característico da escrita francesa média¹⁰ e da nossa escrita antiga. O século XVII na França e o século XVIII no Rússia se caracterizam pelo dogmatismo racionalista, que diminuíam do mesmo modo, embora em outras direções, a individualização discursiva. No dogmatismo racionalista prevalecem as modificações analítico-objetuais¹¹ do discurso indireto e as modificações retóricas do discurso direto.¹² Nesse caso, a precisão e a inviolabilidade das fronteiras entre o discurso autorial e o discurso alheio atingem seu limite máximo.

Essa primeira tendência da dinâmica da orientação discursiva mútua entre o discurso autorial e o alheio poderia ser chamada, recorrendo ao termo de Wölfflin usado na crítica da arte, de *estilo linear (der lineare Stil)* de transmissão do discurso alheio. A sua tendência principal é a criação de contornos claros e exteriores do discurso alheio diante da fraqueza da sua individualização interior. À vista da homogeneidade total e estilística de todo o contexto (o autor e todos

¹⁰ Trata-se de um período da história da língua francesa, entre os séculos XIV e XVI, marcado pelo crescente distanciamento do latim vulgar (perda das declinações, perda da ordem livre das palavras, obrigatordade do pronome pessoal etc.) e pela presença do francês em textos científicos e administrativos antes reservados ao latim. (N. da T.)

¹¹ Tanto na versão de 1929 quanto na de 1930, encontramos a expressão "modificações analógico-objetuais" (*predmíetno-analógúitcheskie modifikátsii*), porém, no capítulo seguinte, essa expressão aparece como "modificação analítico-objetual" (*predmíetno-analíticheskaja modifikátsia*), que, por nos parecer mais fiel ao conceito trabalhado, foi incorporada nesse fragmento. (N. da T.)

¹² O discurso indireto está quase ausente no classicismo russo.

os seus personagens usam a mesma linguagem), o discurso alheio alcança, do ponto de vista gramatical e composicional, um isolamento máximo e uma solidez escultural.

Na segunda tendência da dinâmica da mútua orientação entre o discurso autorral e o alheio, percebemos processos de caráter diametralmente opostos. A língua elabora um meio de introdução mais sutil e flexível da resposta e do comentário autorral ao discurso alheio. O contexto autorral tende à decomposição da integridade e do fechamento do discurso alheio, à sua dissolução e ao apagamento das suas fronteiras. Podemos chamar esse estilo de transmissão do discurso alheio de *pitórico*. Ele tende a apagar os contornos nítidos e exteriores da palavra alheia. Nesse caso, o próprio discurso é muito mais individualizado e a percepção dos diferentes aspectos do enunciado alheio pode ser extremamente aguçada. Percebe-se não apenas o seu sentido objetivo, a afirmação nele contida, mas também todas as particularidades linguísticas da sua encarnação verbal.

Essa segunda tendência comporta ainda tipos variados. O enfraquecimento ativo das fronteiras do enunciado pode partir do contexto autorral, que penetra no discurso alheio com suas entonações, humor, ironia, amor ou ódio, enlevo ou desprezo. Esse tipo é característico do Renascimento (principalmente na língua francesa), do final do século XVIII e de quase todo o século XIX. O dogmatismo autoritário e racional da palavra, aqui, é absolutamente enfraquecido. Predomina um certo relativismo de avaliações sociais, extremamente benéfico para uma percepção positiva e aguçada de todas as nuances individuais e linguísticas do pensamento, da convicção e do sentimento. Nesse terreno, desenvolve-se também o “colorido” do enunciado alheio, que frequentemente resulta na diminuição do aspecto semântico da palavra (por exemplo, na “escola natural”, e até no próprio Gógol, as palavras dos personagens às vezes quase perdem seu sentido objetivo,

tornando-se um objeto pitoresco, análogo à vestimenta, à aparência, à mobília e assim por diante).

Entretanto, ainda é possível um outro tipo, em que a dominante discursiva é transferida para o discurso alheio, tornando-o mais forte e ativo do que o contexto autorral que o emoldura, dissolvendo-o. O contexto autorral perde a maior objetividade, que lhe é peculiar, em comparação com o discurso alheio. O contexto autorral passa a ser percebido e a tornar consciência de si como se fosse um “discurso alheio” e igualmente subjetivo. Na composição das obras literárias, isso costuma se expressar no surgimento de um narrador que substitui o autor no sentido habitual da palavra. O seu discurso é tão individualizado, colorido e carente de autoridade ideológica quanto o discurso dos personagens. A posição do narrador é oscilante e, na maioria dos casos, ele fala com a linguagem dos personagens representados. Ele não consegue opor às suas posições subjetivas um mundo de maior autoridade e objetividade. É assim a narrativa de Dostoiévski, de Andrei Biéli, de Riémizov, Sologub e dos romancistas russos contemporâneos.¹³

¹³ Existe uma bibliografia bastante grande sobre o papel do narrador na épica. Mencionamos o trabalho fundamental, até o presente momento, de K. Friedemann: *Die Rolle des Erzählers in der Epik* [O papel do narrador na épica], 1910. Na Rússia, o interesse pelo narrador foi despertado pelos “formalistas”. V. V. Vinogradov determina o estilo discursivo do narrador em Gógol como movimentando-se “em zigue-zagues do autor na direção dos personagens” (cf. seu trabalho *Gógol i Naturálna Chkola* [Gógol e a Escola Natural]). Segundo Vinogradov, o estilo linguístico do narrador de *O duplo* encontra-se em relação análoga ao estilo de Goliákin (cf. seu trabalho: “Stil peterbúrgskoi poemi *Duoinik*” [“O estilo do poema petersburguês *O duplo*”], na coletânea *Dostoiévskii*, de Dólinin (org.), tomo 1, 1923, pp. 239 e 241; a semelhança entre a linguagem do narrador e a linguagem do personagem já tinha sido observada por Bielínski). Em seu trabalho sobre Dostoiévski, B. M. Engelhardt aponta de modo totalmente justo que, no autor, “é impossível encontrar a chamada

Se, na percepção do discurso alheio, o ataque do contexto autorral ao discurso alheio é característico do idealismo moderado ou do coletivismo também moderado, a decomposição do contexto autorral evidencia o individualismo relativista na percepção do discurso. Ao enunciado alheio subjetivo opõe-se o contexto autorral comentarador e responsivo que se concebe de modo igualmente subjetivo.

É típico de toda a segunda tendência um desenvolvimento extremo de modelos mistos de transmissão do discurso alheio: discurso quase indireto e, principalmente, o discurso

descrição objetiva do mundo exterior... Graças a isso, surge aquela realidade com múltiplos planos na obra literária, que leva à desagregação peculiar da existência nos sucessores de Dostoiévski... B. M. Engelhardt observa “essa desagregação da existência” em *O diabo mesquinho* de Sologub e em *Petersburgo* de Andrei Biéli. Cf. B. M. Engelhardt, “Ideologičeski roman Dostoiévskogo” [“O romance ideológico de Dostoiévski”] no tomo II de *Dostoiévski*, Dolfin (org.), 1925, p. 94. Assim Bally define o estilo de Zola: “Personne plus que Zola n’a usé et abusé du procédé qui consiste à faire passer tous les événements par le cerveau de ces personnages, à ne décrire les paysages que par leurs yeux, à n’énoncer des idées personnelles que par leur bouche. Dans ses derniers romans, ce n’est plus une manière: c’est un tic, c’est une obsession. Dans *Rome*, pas une coin de la ville éternelle, pas une scène qu’il ne voie par les yeux de son abbé, pas une idée sur la religion qu’il ne formule par son intermédiaire” [“Ninguém mais que Zola usou e abusou do procedimento que consiste em fazer passar todos os acontecimentos pela cabeça dos personagens, em descrever as paisagens pelos seus olhos, em enunciar suas ideias pessoais pela boca deles. Nos últimos romances, não é mais um modo: é um tique, uma obsessão. Em *Roma*, não há nenhum canto da cidade eterna, nenhuma cena que não seja vista através dos olhos de seu abade, nenhuma ideia sobre a religião que não seja formulada por seu intermédio”], GRM [Germannisch-Romanische Monatsschrift], VI, 417 (citação retirada de E. Lorck *Die erlebte Rede*, p. 64). Ilia Grúzdev dedica um interessante artigo ao problema do narrador, “O priómakh khudóestvennogo povestrovánia” [“Sobre os procedimentos da narração literária”] (*Zapiski peredújinnogo teatra* [Notas do teatro itinerante], Petrogrado, 1922, n. 40, 41, 42). Entretanto, o problema linguístico da transmissão do discurso alheio não é sequer mencionado em nenhum desses trabalhos.

indireto livre,¹⁴ que enfraquece ainda mais as fronteiras do enunciado alheio. Prevalecem também as modificações do discurso direto e indireto que, nas tendências autorrais, são mais flexíveis e penetráveis (discurso direto difuso, as formas analítico-verbais do discurso indireto e assim por diante).

Ao acompanhar todas essas tendências da percepção ativa e reativa do discurso alheio, é preciso sempre considerar todas as particularidades dos fenômenos discursivos estudados. É especialmente importante a *finalidade da orientação* do contexto autorral. Nessa relação, o discurso artístico transmite com muito mais sensibilidade todas as mudanças na orientação sociodiscursiva mútua. Diferentemente do artístico, o discurso retórico não tem tanta liberdade no manuseio da palavra alheia, em razão da finalidade da sua orientação. A retórica exige uma percepção nítida das fronteiras do discurso alheio. Ela possui um sentido aguçado de propriedade sobre a palavra e é meticulosa quanto à autenticidade. A linguagem retórico-jurídica se caracteriza pela percepção nítida da subjetividade discursiva das “partes” do processo em relação à objetividade do tribunal, da decisão judicial e de todo o discurso investigativo que acompanha o processo de julgamento. A retórica política é análoga. É importante definir qual é o peso específico do discurso retórico, judicial e político, na consciência linguística de um dado grupo social em uma dada época. Além disso, é necessário considerar sempre a hierarquia social da palavra alheia que está sendo transmitida. Quanto mais intensa for a sensação de superioridade

¹⁴ Os termos russos empregados são *nessóbstvenno kósvemnaia rietch*, literalmente “discurso impropriamente indireto”, e *nessóbstvenno priímnaia rietch*, literalmente “discurso impropriamente direto” (preferimos manter “não propriamente”). O primeiro termo acompanhou as escolhas das traduções americana (*quasi indirect discourse*) e espanhola (*discurso quasi indirecto*). O segundo termo refere-se ao fenômeno consagrado como discurso indireto livre, o que motivou nossa escolha de tradução. (N. da T.)

Discurso indireto, discurso direto e suas modificações

hierárquica da palavra alheia, tanto mais nítidas serão suas fronteiras e menos penetrável ela será pelas tendências co-mentadoras e responsivas. Assim, nos gêneros inferiores do neoclassicismo existem desvios substanciais do estilo linear, racional e dogmático de transmissão do discurso alheio. É emblemático que o discurso indireto livre tenha alcançado um desenvolvimento importante pela primeira vez justamente nas fábulas e contos de La Fontaine.

Resumindo tudo o que dissemos sobre as possíveis tendências de inter-relação dinâmica entre o discurso alheio e o autorial, podemos delimitar as seguintes épocas: *dogmatismo autoritário*, caracterizado pelo estilo monumental, linear e impessoal de transmissão do discurso alheio (Idade Média); *dogmatismo racionalista* com o estilo linear ainda mais nítido (séculos XVII e XVIII); o *individualismo realista e crítico* com seu estilo pictórico em que as réplicas e os comentários autorais tendiam a penetrar no discurso alheio (final do século XVIII e século XIX); e, finalmente, o *individualismo realista* com sua decomposição do contexto autorial (contemporaneidade).

A língua não existe por si só, mas somente combinada com o organismo individual do enunciado concreto, ou seja, do discurso verbal concreto. A língua entra em contato com a comunicação apenas por meio do enunciado, tornando-se repleta de forças vivas e, portanto, real. As condições da comunicação são determinados pelas premissas socioeconômicas da época. São essas condições mutáveis da comunicação socio-discursiva que determinam as alterações das formas de transmissão do discurso alheio analisadas por nós. Além disso, percebemos que, nessas formas em que a própria língua percebe a palavra alheia e a individualidade falante, expressam-se de modo mais proeminente e saliente os tipos de comunicação socioideológica que se alternam na história.

Modelos e modificações; gramática e estilística. O caráter geral da transmissão do discurso alheio na língua russa.

Modelo de discurso indireto. A modificação analítico-objetiva do discurso indireto. A modificação analítico-verbal do discurso indireto.¹⁵ A modificação impressionista do discurso indireto. O modelo do discurso direto. O discurso direto preparado. O discurso direto objetivado. O discurso direto antecipado, dissipado e oculto. O fenômeno da interferência discursiva. Perguntas e exclamações retóricas. O discurso direto substituído. O discurso indireto livre.

Já apontamos as principais tendências da dinâmica da orientação mútua entre o discurso autorial e o alheio. Essa dinâmica encontra sua manifestação linguística concreta nos modelos de transmissão do discurso alheio e nas modificações desses modelos, que são espécies de indicadores do desenvolvimento atingido pela língua em dado momento, bem como da correlação de forças entre o enunciado autorial e o alheio.

¹⁵ A expressão “modificação analítico-verbal do discurso indireto” (*slowljéno-analíticheskaia kósvemnoi riéchi modifkátzia*) não consta na versão de 1929, porém, uma vez que esse fenômeno é abordado no texto e aparece na edição de V. L. Makhlín (Labirint, 2000), parece-nos que se trata de um lapso da primeira edição e decidimos incluí-lo. (N. da T.)

A seguir, passaremos a caracterizar brevemente os modelos e as suas modificações mais importantes do ponto de vista das tendências de desenvolvimento apontadas por nós.

Em primeiro lugar, são necessárias algumas palavras sobre a relação entre a modificação e o modelo, análoga à relação entre a realidade viva do ritmo e a abstração do metro. O modelo se realiza apenas na forma de uma determinada modificação. Ao longo dos séculos ou decênios, acumulam-se mudanças nas modificações, e se estabilizam novas habilidades de orientação ativa em relação ao discurso alheio que posteriormente são segmentadas como formações linguísticas sólidas nos modelos sintáticos. Já as próprias modificações encontram-se no limite entre a gramática e a estilística. Pode-se às vezes discutir se uma forma de transmissão do discurso alheio seria um modelo ou uma modificação, uma questão de gramática ou de estilística. Por exemplo, essa discussão se deu em relação ao *discurso indireto livre* nas línguas alemã e francesa entre, por um lado, Bally e, por outro, Kallepky e Lorck. Bally se recusava a reconhecer nele um modelo sintático legítimo, concebendo-o apenas como uma modificação estilística. Seria possível também uma discussão sobre o discurso quase indireto na língua francesa. A nosso ver, o estabelecimento de um limite rígido entre a gramática e a estilística, entre o modelo gramatical e a sua modificação estilística é metodologicamente improdutivo, além de impossível. Esse limite é instável na própria vida da língua, em que algumas formas se encontram em processo de gramaticalização e outras de desgramaticalização, sendo que justamente essas formas ambíguas e limítrofes representam o maior interesse para um linguista, pois é justamente aqui que as tendências de desenvolvimento da língua podem ser captadas.¹⁶

¹⁶ Vossler e os vosslerianos são frequentemente acusados de privilegiarem mais as questões de estilística do que de linguística no sentido estrito da palavra. Na verdade, a escola de Vossler se interessa por questões

Nossa breve caracterização do modelo do discurso indireto e direto será realizada somente nos limites da língua literária russa. Sendo assim, não pretendemos, em absoluto, exaurir todas as possíveis modificações. Importa-nos apenas o aspecto metodológico da questão.

Como bem se sabe, os modelos sintáticos de transmissão do discurso alheio na língua russa são muito pouco desenvolvidos. Além do discurso indireto livre, que na língua russa não possui qualquer sinal sintático claro (como, aliás, também ocorre na língua alemã), existem dois modelos: o discurso *direto* e o *indireto*. No entanto, entre esses dois modelos não há as distinções claras presentes em outras línguas. Os sinais do discurso indireto são muito tênues e, na linguagem falada, podem ser facilmente confundidos com os sinais do discurso direto.¹⁷

Limítrofes, por compreender a sua importância metodológica e heurística, e é justamente por isso que vemos grandes vantagens nessa escola. O problema é que, ao explicar esses fenômenos, os vosslerianos, como sabemos, colocam em primeiro plano os fatores subjetivos e psicológicos, bem como as tarefas individuais e estilísticas. Por causa disso, a língua às vezes se transforma diretamente em um joguete do gosto individual.

¹⁷ Em muitas outras línguas o discurso indireto distingue-se nitidamente em termos sintáticos do direto (o uso específico de tempos, modos, conjunções e de formas pessoais), de modo que nelas existe um *modelo* especial e muito complexo de transmissão indireta do discurso... Já em nossa língua, mesmo aqueles poucos sinais do discurso indireto, sobre os quais acabamos de falar, costumam não ser observados e, como resultado, o discurso indireto confunde-se com o direto. Por exemplo, em *O inspetor geral*, Óssip fala: "O taberneiro disse que não dou de comer ao senhor", enquanto não pagar a conta" (exemplo de Pechkóvski, *Rússki sintaksis v naučbnom ošeshiéni [Síntaxe russa à luz científica]*, pp. 465-6, com título do autor).

[Embora a nota acima não comece com aspas nem apresente no início indicação de que se trata de um texto alheio, todo o fragmento acima é, na verdade, uma citação literal da obra de Pechkóvski que aparece mencionada no final. (N. da T.)]

A ausência de *consecutio temporum* e a inércia do modo subjuntivo priva o nosso discurso indireto de sua peculiaridade e não cria um terreno benéfico para o desenvolvimento abundante das modificações essenciais e interessantes para nosso ponto de vista. De modo geral, é necessário observar a primazia incondicional do discurso direto na língua russa. Na história da nossa língua não houve um período cartesiano e racionalista, quando o “contexto autoral” racional, autoconfiante e objetivo analisasse e desmembrasse a composição objetiva do discurso alheio e criasse modificações complexas e pertinentes de sua transmissão indireta.

Todas essas particularidades da língua russa criam condições extremamente favoráveis para um estilo pictórico de transmissão do discurso alheio, porém um tanto frouxo e vago, privado da percepção de resistências e fronteiras a serem superadas (como ocorre em outras línguas). Predomina a extrema leveza de interação e de penetração mútua entre o discurso autoral e o alheio. Isso está relacionado ao papel pouco significativo desempenhado, na história da nossa língua literária, pela retórica, com seu estilo claramente linear de transmissão do discurso alheio e com sua entonação grosseira, porém determinada e unívoca.

Em primeiro lugar, caracterizaremos o discurso indireto, que é o modelo menos desenvolvido na língua russa. Iniciaremos com uma pequena observação crítica dirigida contra A. M. Pechkóvski.¹⁸ Ao observar que as formas do dis-

¹⁸ Aleksandr Marvéievitch Pechkóvski (1878-1933), eminente linguista russo, professor e um dos pioneiros do estudo da sintaxe da língua russa. A obra citada, *Rússki sintaksis v naučnom osveschéni* [Sintaxe russa à luz científica] foi primeiramente publicada em 1914 e permanece como texto de referência até os dias atuais. Seus trabalhos serviram como ponto de partida para proposições de Bakhtin e Volóchinov a respeito da sintaxe e do discurso citado na língua russa. (N. da T.)

curso indireto não são desenvolvidas na língua russa, ele faz a seguinte afirmação, extremamente estranha:

“Basta tentar transmitir o discurso indireto com um mínimo de complementos (‘O asno, apontando a testa para o chão, disse que grandioso, que, para falar a verdade, dá para ouvi-lo sem tédio, mas que é uma pena que ele não conhece o galo deles e que ele pegava o canto melhor ainda se aprenderia com o galo um pouco’), para confirmar que a transmissão indireta do discurso não é própria da língua russa.” (*Rússki sintaksis v naučnom osveschéni*, 2ª ed., p. 466)¹⁹

Se Pechkóvski fizesse a mesma experiência de transferência imediata do discurso direto para o indireto na língua francesa, obedecendo apenas às regras gramaticais, ele provavelmente chegaria às mesmas conclusões. Por exemplo, se ele tentasse transpor o discurso direto e até mesmo o discurso indireto livre para o discurso indireto nas fábulas de La Fontaine (essa última forma é muito comum em La Fontaine), teria uma construção igualmente correta do ponto de vista gramatical e inadmissível do ponto de vista estilístico, como ocorre no exemplo russo. E isso apesar do fato de que, na língua francesa, o discurso indireto livre é extremamente próximo do discurso indireto (são utilizados os mesmos tempos e pessoas). Uma série de palavras, expressões e locuções

¹⁹ Os itálicos são de A. M. Pechkóvski.

[O trecho citado foi retirado da fábula “O asno e o rouxinol”, do poeta russo Ivan Krilov (1769-1844). Na tradução do discurso indireto, procuramos manter o tempo e o modo verbais característicos do texto de origem, mesmo que eles não sejam compatíveis com o português, para evidenciar como o discurso indireto é pouco desenvolvido na língua russa. (N. da T.)]

próprias do discurso direto e indireto livre soarão absurdas quando transpostas para o discurso indireto.

Pechkóvski comete o erro típico de um “gramático”. A transposição direta e puramente gramatical do discurso alheio de um modelo de transmissão para outro, sem a devida reelaboração estilística, é apenas um método pedagógicamente ruim e inadmissível, característico de exercícios escolares de gramática. O seu uso não tem nada em comum com a vida real dos modelos na língua. Nos modelos se expressa a tendência de percepção ativa do discurso alheio. Cada modelo tem o seu próprio modo criativo de reelaborar o enunciado alheio em uma direção, particular somente a ele. Se em determinado estágio do seu desenvolvimento a língua perceber o enunciado alheio como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável, ela não terá nenhum outro modelo além do discurso direto primitivo e inerte (estilo monumental). Em seu experimento, Pechkóvski defende também a imutabilidade do enunciado alheio e da sua transmissão totalmente literal, mas, ao mesmo tempo, tenta aplicar a ele o modelo do discurso indireto. O resultado obtido de modo algum prova que a transmissão indireta não seja própria da língua russa. Pelo contrário, ele prova que, apesar da sua pouca elaboração, o modelo do discurso indireto é tão original na língua russa que nem todo discurso direto pode ser transposto literalmente para o indireto.²⁰

O experimento peculiar de Pechkóvski revela a sua consideração completa do próprio sentido linguístico do discurso indireto. Esse sentido consiste na *transmissão analítica do discurso alheio*. A análise do enunciado alheio, que acompanha a transmissão, sendo inseparável dela, é um tra-

ço obrigatório de qualquer modificação do discurso indireto. Pode haver diferença apenas no grau e na orientação dessa análise.

Acima de tudo, a tendência analítica do discurso alheio manifesta-se no fato de que todos os *elementos afetivo-emocionais* do discurso, por serem expressos não no conteúdo, mas nas *formas* do enunciado, sofrem mudanças quando transpostos para o discurso indireto. Eles são transferidos da forma do discurso para o seu conteúdo e apenas desse modo são introduzidos na construção indireta, ou mesmo são transferidos para a oração principal, sob a forma de comentários que orientam o verbo introdutor do discurso.

Por exemplo, o discurso direto:

“Que coisa boa! Isso sim é uma interpretação!”

não pode ser transmitido para o discurso indireto como:

“Ele disse que que coisa boa e que isso sim é uma interpretação”

mas como:

“Ele disse que *isso é muito bom* e que *isso é uma verdadeira interpretação*.”

ou ainda:

“Ele disse com entusiasmo que isso é bom e que isso é uma verdadeira interpretação.”

Todas as abreviações, omissões etc. possíveis no discurso direto por razões afetivo-emocionais não são possíveis na tendência analítica do discurso indireto e entram na sua construção apenas de modo desenvolvido e completo. No exemplo de Pechkóvski, a exclamação do asno, “Grandioso!”, não pode ser introduzida sem intermediações no discurso indireto:

“Disse que grandioso...”

mas apenas:

“Disse que é grandioso...”

ou até:

“Disse que o rouxinol canta grandiosamente...”

²⁰ O erro de Pechkóvski analisado por nós evidencia mais uma vez o prejuízo metodológico da ruptura entre a gramática e a estilística.

Do mesmo modo, "Para falar a verdade" não pode ser introduzido no discurso indireto sem intermediações. Assim como a expressão do discurso direto "Pena que não conhece", e assim por diante não pode ser transmitida como: "Mas pena que não conhece" etc.

É evidente também que qualquer expressão *constitutiva e constitutiva enfática* das intenções do falante não pode ser transposta sem intermediações, e com a mesma forma, do discurso direto para o indireto. Assim, as particularidades construtivas e enfáticas das frases interrogativas, exclamativas e imperativas não são conservadas no discurso indireto, deixando marcas apenas no seu conteúdo.

O discurso indireto "ouve" *diferentemente* o enunciado alheio, percebendo-o ativamente e atualizando, na sua transmissão, outros aspectos e tons em comparação com os demais modelos. É justamente por isso que é impossível transpor direta e literalmente o enunciado dos demais modelos para o indireto. A transposição sem intermediações é possível apenas nos casos em que o enunciado direto por si só já foi construído de modo um pouco analítico, nos limites do possível no discurso direto, é claro. A análise é a alma do discurso indireto.

Observando atentamente o "experimento" de Pechkóvski, percebemos que a tonalidade lexical de palavras como "grandioso", "pegava o canto melhor ainda" não entram em plena harmonia com a alma analítica do discurso indireto. Essas palavras possuem um *colorido* excessivo; elas não apenas transmitem o sentido objetivo exato do seu enunciado, mas descrevem um *modo de falar* (individual ou típico) do *personagem-asno*. Temos a vontade de substituí-las por seus equivalentes semânticos ("excelente", "aperfeiçoar-se") ou então, mesmo mantendo esse "linguajar" na construção indireta, colocá-las entre aspas. Até durante a leitura em voz alta desse discurso indireto, pronunciaremos de modo um pouco diferente as palavras mencionadas, como se déssemos

a entender, por meio da entonação, que essas expressões foram retiradas diretamente do discurso do personagem e que nós nos distanciamos delas.

Entretanto, aqui sentimos a necessidade de distinguir duas possíveis tendências da vertente analítica do discurso indireto e, por conseguinte, duas modificações principais dessa vertente.

De fato, a análise da construção indireta pode desenvolver-se em duas direções ou, mais precisamente, pode se relacionar com dois objetos essencialmente diferentes. O enunciado alheio pode ser percebido como uma determinada *posição semântica* do falante e, nesse caso, a construção indireta transmite analiticamente a sua exata *composição objetiva* (aquilo que o falante disse). Assim, no nosso caso é possível uma transmissão precisa do sentido objetivo da avaliação que o asno faz do canto do rouxinol. Mas também é possível perceber e transmitir analiticamente o enunciado alheio como *expressão*, que caracteriza não apenas o objeto do discurso (ou melhor, nem tanto o objeto do discurso), mas o *próprio falante*: o seu modo de falar, individual ou típico (ou ambos), seu estado de espírito, expresso não no conteúdo, mas nas formas do discurso (por exemplo: fala entrecortada, a ordem das palavras, entonação expressiva e assim por diante), a sua capacidade ou não de se expressar bem etc.

Esses dois objetos de transmissão analítica indireta são profunda e essencialmente distintos. Em um caso, o sentido é desmembrado nos componentes semânticos e objetivos; e, no outro, o próprio enunciado como tal é decomposto em camadas verbo-estilísticas. A segunda tendência levada ao seu limite lógico resultaria em uma análise linguística e estilística. Entretanto, essa análise quase que estilística é acompanhada, mesmo nesse tipo de transmissão indireta, pela análise objetiva do discurso alheio, o que resulta em um desmem-

bramento analítico entre o sentido objetual e o invólucro verbal que o encarna.

Chamaremos a primeira modificação do modelo do discurso indireto de *analítico-objetual* e a segunda de *analítico-verbal*. A modificação analítico-objetual percebe o enunciado alheio no *plano puramente temático*, e tudo o que não possui significação temática simplesmente deixa de ser ouvido, captado por ela. Quanto aos aspectos da construção verbal e formal que possuem uma significação temática, ou seja, são necessários para a compreensão da posição semântica do falante, também são transmitidos em nossa modificação de modo temático (assim, no nosso exemplo, a construção exclamativa e a expressão de entusiasmo podem ser transmitidas pela palavra “muito”) ou são introduzidos diretamente no contexto autorral como uma característica da-
do pelo autor.

A modificação analítico-objetual abre grandes possibilidades para as tendências de réplica e comentário do discurso do autor, mantendo, ao mesmo tempo, *uma distância nítida e rígida* entre a palavra do autor e a alheia. Graças a isso, ela constitui um meio excelente para o estilo linear de transmissão do discurso alheio. Indiscutivelmente, é uma característica dessa modificação a tendência a tematizar o enunciado alheio, preservando a solidez e a autonomia semântica em detrimento da construtiva (vimos como a construção expressiva do enunciado alheio é tematizada nela). Com certeza, isso é alcançado apenas à custa de uma certa despersonalização do discurso transmitido.

Um desenvolvimento amplo e essencial da modificação analítico-objetual somente pode ocorrer em um contexto autorral racional e dogmático, no qual, em todo caso, o interesse semântico é forte e o autor toma uma posição semântica, utilizando suas próprias palavras e falando pessoalmente. Quando isso não ocorre, nos casos em que a palavra autorral por si só é colorida e reificada ou um narrador de um tipo

correspondente é introduzido de modo direto, essa modificação pode ter apenas um sentido secundário e episódico (por exemplo, em Gógol, Dostoiévski e outros).

Em geral, essa modificação é pouco desenvolvida na língua russa. Ela predomina em contextos cognitivos e retóricos (no científico, no filosófico, no político etc.), em que é necessário expor opiniões alheias sobre o assunto, comparando e discorrendo delas. Essa modificação é rara no discurso literário. Ela adquire certa significação apenas na obra de autores que não renunciavam à *sua própria* palavra em sua *orientação* e peso *semânticos*, por exemplo em Turguêniev e, principalmente, em Tolstói. Apesar disso, mesmo nesses casos não encontramos aquela riqueza e diversidade de variações de modificação que aparecem nas línguas francesa e alemã.

Passaremos à *modificação analítico-verbal*. Ela introduz, na construção indireta, palavras e modos de dizer do discurso alheio que caracterizam a fisionomia subjetiva e estilística do enunciado alheio enquanto expressão. Essas palavras e modos de dizer são introduzidos de forma que o seu caráter específico, subjetivo e típico seja percebido com clareza, sendo que o mais comum é que eles sejam colocados entre aspas. Vejamos quatro exemplos:

1) “(Grigóri) disse, benzen-do-se, que era um moço com muitas aptidões, mas tolo e *deprimido pela doença* e ainda *herege*, e que *aprendera a ser herege* com Fiódor Pávlovitch e seu filho mais velho.”²¹ (Fiódor Dostoiévski, *Os irmãos Karamázov*) [ed. bras.: tradução de Paulo Bezerra, São Paulo, Editora 34, 2008, p. 860]

2) “O mesmo aconteceu com os polacos: estes se apresentaram de forma ativa e independente. Testemunharam em voz alta, dizendo que, em primeiro lugar, ambos ‘haviam ser-

²¹ Itálicos nossos.

vido à Corodá, e que ‘*pan Mítia*’ lhes havia proposto três mil para lhes comprar a honra, e que eles mesmos haviam visto muito dinheiro nas mãos dele.”²² [*Ibidem*, p. 867]

3) “Krassótkin repelia com altivez essa acusação, fazendo ver que com seus coetâneos, colegas de treze anos, era de fato vergonhoso brincar de cavalo ‘*em nosso época*’, mas que fazia isto para os ‘*pimpolhos*’ porque gostava deles e ninguém se atreveria a exigir que ele prestasse contas de seus sentimentos.”²³ [*Ibidem*, p. 678]

4) “Ele a encontrou [isto é, Nastácia Filípovna] em um estado parecido com a completa loucura: ela bradava, tremia, gritava que Rogójin estava escondido no jardim, na própria casa deles, que ela acabara de vê-lo, que ele iria *matá-la à noite... iria degolá-la!*”²⁴ (Aqui, na construção indireta, foi mantida a expressividade do enunciado alheio.) (Fiódor Dostoiévski, *O idiota*) [ed. bras.: tradução de Paulo Bezerra, São Paulo, Editora 34, 2002, pp. 654-5]

As palavras e expressões alheias (principalmente se estiverem entre aspas) introduzidas no discurso indireto e percebidas como específicas sofrem um “estranhamento”, para utilizar o termo dos formalistas, sendo que isso ocorre justamente na direção necessária ao autor; elas se objetivam e o seu colorido aparece com mais clareza, mas, ao mesmo tempo, sobrepõem-se a elas as tonalidades autorais: ironia, humor etc.

É necessário diferenciar essa modificação do discurso indireto dos casos em que o discurso indireto passa imediatamente para o direto, embora as suas funções sejam quase idênticas: quando o discurso direto continua o indireto, a sua

²² Itálicos nossos.

²³ Itálicos nossos.

²⁴ Itálicos nossos.

subjetividade discursiva torna-se mais clara, e isso ocorre na direção que o autor precisa. Por exemplo:

1) “Por mais que Trífon Borissóvitch tergiversasse, depois do depoimento dos mujiques confessor, porém, ter achado a nota de cem rublos, acrescentando apenas que devolveu religiosamente a quantia a Dmitri Fiódoróvitch ‘*por sua própria honra, só que ele, como estava totalmente bêbado na ocasião, era pouco provável que pudesse se lembrar.*’”²⁵ [Os irmãos Karamázov, p. 866]

2) “Em que pese todo o mais profundo respeito à memória de seu antigo amo, ainda assim declarou, por exemplo, que este fora injusto com Mítia e que ‘*não educau os filhos como devia. Se não fosse eu, seu filho pequeno teria sido devorado pelos piolhos*’ — acrescentou, falando da infância de Mítia.”²⁶ [*Ibidem*, p. 859]

O caso em que o discurso direto é preparado pelo indireto, como que surgindo imediatamente dele — de modo semelhante à imagem plástica que ainda não se separou por completo da pedra bruta nas esculturas de Rodin —, é uma das modificações infinitas do discurso direto em sua interpretação pictórica.

Essa é a modificação analítico-verbal da construção indireta. Ela cria efeitos totalmente originais e pitorescos na transmissão do discurso alheio. Essa modificação pressupõe um alto grau de individualização do enunciado alheio na consciência linguística, a capacidade de perceber as nuances dos invólucros verbais do enunciado e o seu sentido objetivo. Nem a percepção autoritária do enunciado alheio, nem a racionalista têm essa característica. Na qualidade de um procedimento estilístico usual, essa modificação pode enraizar-se na língua apenas no terreno do individualismo crítico

²⁵ Itálicos nossos

²⁶ Itálicos nossos.